

**ENTRE A ADVOCACIA, A LITERATURA E O PENSAMENTO SOCIAL:
UMA ENTREVISTA COM ALEXANDRE DOS SANTOS GOSSN**

**BETWEEN ADVOCACY, LITERATURE, AND SOCIAL THOUGHT: AN INTERVIEW WITH
ALEXANDRE DOS SANTOS GOSSN**

**EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS
(ENTREVISTADORA)**

A ENTREVISTA



Prof. Me. Alexandre Gossn¹

REVISTA PARAJÁS: Gostaríamos de conhecê-lo melhor nesse início de entrevista: Quem é o Prof. Me. Alexandre Gossn? Poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória acadêmica e também um pouco sobre a sua vida fora da academia?

ALEXANDRE GOSSN: Sou uma pessoa curiosa, que adora ler, conhecer novas ideias e autores e uma criatura muito mais analógica que digital. Gosto de rotinas e até das rotinas das quebras das rotinas (risos). Preciso, por exemplo, todas as estações do ano e me faz falta quando uma delas não

¹ Acervo pessoal do entrevistado.

vem (risos). Neste ponto, devo ser o inimigo número 01 tanto do *El niño* como da *La Niña* (risos). Meus hábitos são simples: gosto de ver o mar, andar descalço, brincar com as crianças da família, com os cães, tomar chuva, sentir o vento no rosto ou ver um filme que bagunce os sentimentos. E ler: leio todos os dias. Quanto à jornada acadêmica: me graduei em Direito, mas antes disso cursei 18 meses de comunicação, onde tive contato com os alunos e professores do curso de Cinema. Neste período fiz um curso de roteiro e passei a escrever. Após a graduação, fiz o mestrado novamente em Direito, mas foi neste período que tive 02 professores que me despertaram o amor por uma abordagem interdisciplinar das Ciências Sociais. Também me estimularam a publicar fora dos muros da academia. Um é procurador de Justiça em SP e o outro é arquiteto, ambos com incrível sensibilidade e cultura humanística. Após o mestrado, ingressei no doutorado na Universidade de Coimbra, onde estudo os autoritarismos contemporâneos sob a perspectiva das Ciências Sociais há alguns anos.

REVISTA PARAJÁS: Pedimos, neste segundo ponto, que nos conte a respeito do porquê da escolha pelo Direito no início da sua trajetória acadêmica (já que cursou a graduação e o mestrado na área). Aproveite e nos conte acerca da sua experiência na Universidade Católica de Santos durante a graduação e o mestrado.

ALEXANDRE GOSSN: Escolhi o Direito pelo amor à leitura e à dialética e não me arrependo. É um curso que dá enorme bagagem e lapida o espírito crítico e para aqueles que realmente se dedicam, fornece uma boa visão de como as instituições funcionam. A Universidade Católica de Santos é uma excelente instituição e que já levou inclusive alguns dos seus alunos ao STF. O Direito também me permitiu me estabelecer profissionalmente como advogado na área cível e sou muito grato a isso.

REVISTA PARAJÁS: Levando-se em consideração a sua formação jurídica (graduação e mestrado em Direito) e o seu trabalho (advocacia), por que optou por cursar um doutorado em Estudos Contemporâneos ao invés de um em Direito?

ALEXANDRE GOSSN: Por conta da segunda carreira: a acadêmica e literária. Já dentro do mestrado tive acesso a um modelo de estudo que é interdisciplinar: tive professores da área Jurídica, urbanística, filosófica e até psicanalítica. Entendi que sou um generalista e que o mundo está

povoado de especialistas, enquanto existem cada vez menos generalistas. E concluí que me encaixo entre os últimos.

REVISTA PARAJÁS: Conte-nos também sobre a sua experiência no doutoramento em Estudos Contemporâneos na Universidade de Coimbra. Como foi estudar em uma das maiores universidades de língua portuguesa do mundo? Como foi cursar as disciplinas? E como são os professores?

ALEXANDRE GOSSN: O modelo acadêmico europeu (não incluo aqui o Reino Unido) continental é um pouco diferente do brasileiro. Valoriza-se muito o que chamo de digitais do aluno. Tive aulas com a Professora Dorotee Rudigger, uma alemã que ensina metodologia, ainda no Brasil, e ela já havia me reportado isso. Então, a surpresa existiu, mas foi menor do que não ter sido avisado. O aluno brasileiro é muito tolhido no sentido de se expressar. Penso que a academia brasileira acaba gerando um pouco de receio no aluno, e este tende a se esconder por atrás de uma barreira que chamo de bimbo de bibliografias. Não foram raras as vezes em que apresentei artigos ou resenhas aos professores europeus e estes indagaram: ok, está bom, mas onde está o Alexandre aqui? Neste sentido, é uma experiência completamente diferente da academia brasileira. Também foi muito interessante ter morado e viajado pela Europa neste ano que lá vivi e também sublinho quatro pontos altos: ter assistido aulas da prof. Lilia Schwarcz (historiadora e antropóloga) e com o filósofo basco Daniel Innenarity – que se tornou um autor referência para mim –, ter frequentado as aulas da Academia Sino Lusófona e com isso ter contato com alunos e professores de origem chinesa, e, por último, ter representado a Universidade de Coimbra no Festival Literário Palavras de Fogo, que ocorreu em Arganil (Portugal), onde me apresentei em um painel cuja missão era tratar a obra de Saramago sob a lupa das Ciências Sociais. Este fato, sem sombra de dúvida, me reaproximou da ficção literária.

REVISTA PARAJÁS: Qual o seu objeto de estudo na tese de doutorado? Tem previsão para defendê-la? Pretende publicá-la, como livro, após o término do doutoramento?

ALEXANDRE GOSSN: Estudo os autoritarismos políticos contemporâneos e atualmente me debruço sobre o uso da palavra LIBERDADE pela extrema-direita. Há uma hipótese em questão: de que a palavra “liberdade” não passe de um *dog whistle* (em tradução livre: “apito de cachorro”) para

galvanizar energia política e emitir uma mensagem que grande parte do eleitorado não capta, mas seus reais destinatários a absorvem e assim sabem que eventualmente atravessam um período de fragilidade, mas “o movimento” segue vivo.

REVISTA PARAJÁS: Por que, dentre os autores que estudam “o refluxo da democracia”, você escolheu como referencial teórico para a tese o Fukuyama (com o seu otimismo) e Costa Pinto (com o seu pessimismo)?

ALEXANDRE GOSSN: Porque a ideia é eleger pensadores com ideias contrastantes, mas que tiveram coragem em ser bastante assertivos em suas opiniões no seu tempo. É muito difícil ler a época em que se vive, e, apesar de erros de avaliação que estamos fadados a cometer quando aceitamos este desafio, é preciso ter coragem para tentar. O próprio Fukuyama reviu a sua tese e parte das suas ideias e não estou certo de que siga tão otimista e muito menos tão liberal como já foi. Já Costa Pinto sofrerá o impiedoso teste do tempo e saberemos melhor onde ele se situa dentro de uns 20 anos.

REVISTA PARAJÁS: Ao longo de sua carreira como escritor, você já lançou alguns livros, caríssimo Alexandre Gossn. Dentre eles o “Chapados de Cloroquina”, em 2021, pela Editora Autografia. Resumidamente, sobre o que trata esta obra e qual o contexto da sua escrita e publicação?

ALEXANDRE GOSSN: “Chapados de Cloroquina: a morte da empatia” é um ensaio escrito no auge da pandemia, entre a segunda e terceira ondas, quando deveríamos ter as vacinas, mas ainda não as tínhamos pela inoperância e negacionismo do governo federal então investido. A ideia era desenvolver melhor a figura do tecnopopulismo contemporâneo e suas características fascistas, algo que comecei no livro anterior. O que me motivou a escrever foi a internação de uma familiar querida, que teve passar por uma cirurgia de emergência e, infelizmente, não estava vacinada. Não porque não quisesse, mas porque o governo federal não quis adquirir os imunizantes até então. Isso mudaria quando o governo de SP saltou na frente e passou a imunizar seus cidadãos. Ao mesmo tempo, estava chocado com as festas, aglomerações *etc.* A falta de empatia de enorme contingente da população se somou com o negacionismo crônico de alguns governantes, criando um cenário dantesco. Recordei-me do trabalho Wilhelm Reich sobre a psicologia dos fascistas, como eram

capazes de negar os fatos mais óbvios, ao mesmo tempo que me veio à mente a obra de “a questão da culpa”, de Karl Jaspers, que reporta o negacionismo de enorme fração da população alemã durante e após o Holocausto. E me questioneei: daqui 30, 40 anos, como nós brasileiros de 2020 a 2022 seremos julgados?

REVISTA PARAJÁS: E em “Fascismo pandêmico: como uma ideologia de ódio viraliza?” (Editora Autografia, 2020)? O que o influenciou a escrever tal obra?

ALEXANDRE GOSSN: Foram os arroubos autoritários mundo afora no curso da pandemia. Não só dos líderes, mas também de enorme parcela da população. De um lado, assistimos líderes como Viktor Orbán pavimentar o caminho para concentrar poder, usando a pandemia como pretexto para desidratar ainda mais os outros poderes e, do outro, contemplamos passeatas protestando contra o uso de máscaras (não apenas no Brasil) e movimentos pedindo o fechamento do Congresso e do STF. Era o início de uma bizarrice que encontraria o seu clímax no dia 08 de janeiro de 2023.

REVISTA PARAJÁS: E sobre o que trata o livro “Liberdade, Metamoralidade & Progressofobia” (Editora Autografia, 2019)? Os conceitos que estão presentes no título foram apropriados de outros autores ou criados por ti neste estudo?

ALEXANDRE GOSSN: São conceitos já sedimentados na teoria. Muitos autores abordam os 03, tanto séculos atrás como na contemporaneidade. Este livro é o meu primeiro e ele ainda tem contornos mais acadêmicos. Nasceu da publicação de três artigos em revistas de Ciências Sociais, e, como o trio se interpenetra, decidi lançá-los como um livro. Vários autores me inspiraram: Lynn Hunt, Jared Diamond, Antônio Damasio, Richard Sennet, Edward Wilson, entre outros.

REVISTA PARAJÁS: Fale um pouco sobre a obra “Cidadelas & muros: como o ser humano se tornou um animal urbano” (Editora Autografia, 2020) também. Ela é a publicação da sua dissertação de mestrado?

ALEXANDRE GOSSN: Sim. Este foi meu segundo livro e sou muito grato às oportunidades que ele criou. Meu primeiro livro teve tiragem pequena e apenas amigos e familiares compraram. Com Cidadelas foi diferente: a obra foi lançada logo após a defesa da dissertação e, em seguida, entramos em *lockdown*, bem no começo da pandemia. Até hoje, nem eu, tampouco a editora sabe explicar

exatamente o que se sucedeu, mas o fato é que o livro caiu no gosto das pessoas, e, como o mundo se digitalizou completamente durante o isolamento, houve um boca a boca virtual que fez o livro atingir a condição de segundo livro mais vendido na categoria de lançamentos sobre a História da Civilização no *ranking* da Amazon. Foi totalmente involuntário: eu nem supus que a editora fosse catalogá-lo assim e muito menos que o algoritmo da Amazon foi indicá-lo a tantos leitores. A partir daí, o livro esgotou rapidamente e tivemos que encomendar novas tiragens. Isso me levou a uma encruzilhada: deveria me profissionalizar ao entender que o trabalho de um livro envolve não somente a sua elaboração e publicação, mas também a sua divulgação (que pode ser tão exaustiva quanto produzi-lo). Não tinha redes sociais na maioria das *big techs* e as que eu tinha, eram pífias e tive que profissionalizá-las. É um aprendizado até hoje, porque não é natural para mim. “Cidadelas” nasceu como a ideia de se chamar “Feudos Contemporâneos”, onde eu estudaria o processo social de “condominização” dos grandes centros urbanos. Como advogado, atuo nesta área há duas décadas e me deparo com este processo, que sem julgamento se é bom, ruim ou inevitável, noto que ocorreu em várias partes do mundo. Viajei bastante, coletei dados, depurei centenas de obras e artigos sobre a urbanização humana e quando vi a montanha de dados que tinha, eu e meu orientador mudamos de ideia e decidimos dissertar sobre as causas biopsicossociais que tornaram a espécie humana e única urbana, ao mesmo tempo em que tentamos analisar como este fenômeno, do ponto de vista histórico, é muito recente e quais implicações surgem deste fato.

REVISTA PARAJÁS: Os autores costumam ter boas relações e estabelecer parcerias com editoras e também com editores. Você parece já ter encontrado a sua editora de confiança: a Editora Autografia. Como vocês se encontraram? E como tem funcionado essa parceria?

ALEXANDRE GOSSN: Nos conhecemos por um autor que já publicava lá e desenvolvi uma relação de confiança com a minha produtora editorial. Trato sempre com a mesma profissional há anos. A Autografia me concede muita liberdade criativa, tanto quanto ao conteúdo, como quanto à forma. É uma editora relativamente pequena e isto pode criar óbices; por outro lado, também possui benefícios.

REVISTA PARAJÁS: Quais são os maiores desafios que você enfrentou (e enfrenta) ao administrar as suas atividades como advogado e como intelectual público, que parece ser muito ativo nas redes sociais digitais?

ALEXANDRE GOSSN: A carreira de advogado tem como maior desafio o gerenciamento de prazos, muitos deles bastante exíguos, além de lidar com pressões diversas: do Juiz, da parte contrária, do cliente e, claro, de si próprio. Por outro lado, a advocacia contemporânea requer talento para a busca do consenso, uma boa dose de conhecimento psicológico, um entendimento mínimo de economia e, atualmente, muita objetividade. A advocacia em si requer que saibamos dosar o investimento de tempo em cada trabalho; então, em certa medida, é uma profissão que espelha bem este dote que podemos levar para os demais campos da vida. Por outro lado, noto em alguns colegas de profissão o cacoete da excessiva combatividade e a tendência em se apresentar como *senhor da razão* em outros segmentos da vida. É importante saber *despir a beca, tirar as vestes talares* nas redes sociais. O pensador público não é pago para obter resultados, apresentar pareceres ou formular defesas: é apenas um ser humano se expressando, e, isso, permite uma leveza e uma quebra de *script* impensável na advocacia.

REVISTA PARAJÁS: Recentemente você lançou um romance histórico dividido em três volumes chamado “Santo Adamastor” (2024-2025). Ao que nos consta, a obra foi escrita há muito tempo. O que o influenciou a publicá-la agora? E por que publicar três livros ao invés de um ou dois?

ALEXANDRE GOSSN: Sim, “Santo Adamastor”, em rigor, foi o primeiro livro que escrevi, mas só o publicamos agora. Muitos foram os fatores que me fizeram o trancar em gavetas profundas e muitos também foram os motivos que me fizeram resgatá-lo. Basicamente, escrevi os 03 volumes dos meus 18 aos 21 anos e a minha primeira e única leitora havia sido a minha avó. Posteriormente, um punhado de amigos leu alguns volumes, mas quando cogitava apresentá-lo a uma editora, minha avó suicidou-se. Este evento se somou a outros na nossa família e me causou um desgosto muito grande. Precisei digerir estes eventos ao longo de anos. Foi necessário me afastar do universo adamastoresco e de tudo que ele representa e evoca, não só para mim, mas para a minha família. Mais de uma década depois destes fatos, nos corredores do Mestrado, reencontrei uma amiga de longa data e ela disse que tinha um presente: era um envelope com os originais de Adamastor. Amarelados, castigados pelo impiedoso teste do tempo, embora bem guardados pela protetora. Digo sempre que esta amiga é a madrinha de Santo Adamastor. Retomado o contato com a antiga obra, minha esposa leu-o e apreciou. Estimulou-me a publicá-lo. Neste meio tempo, estabeleci-me como

autor de obras não ficcionais, e algumas pessoas me desestimularam a lançar uma obra ficcional. Mas o fato é que o livro foi muito bem recebido. Muitos leitores o têm como o favorito deles, porque é uma sátira leve, destinada a provocar reflexões, é claro, mas o objetivo primordial é entreter. No fundo, Adamastor contém o DNA dos meus outros livros. Está tudo lá: o fascista pandêmico, o fanático, o chapado por cloroquina, a desigualdade de Cidades ou o negacionismo de Progressofobia. A diferença é que por ser uma ficção, ele é capaz de atingir leitores que torcem o nariz para Ciências Sociais. Por outro lado, este período longo foi importante para que eu encontrasse a paz com o passado familiar, e, ao mesmo tempo, o livro se tornasse ainda mais atual. Como se trata de uma alegoria social sobre uma religião que não para de crescer até impactar o interior de Minas Gerais e depois o país, o paralelo com o neopentecostalismo é nítido e não é preciso ser um ás das humanidades para captar isso. Por que lançar em 03 volumes? Porque foi concebido assim, como trilogia. Recordar-se que comentei que estudei roteiro? Pois é. Foi neste período que criei o universo adamastoresco, o adamastorismo e seus mandamentos e tinha em mente que queria um roteiro clássico: início, meio e fim e com alguns *flashbacks*. Embora do ponto de vista do mercado editorial seja uma decisão arriscada, do ponto de vista artístico era exatamente o que eu queria. E fiz (risos)!

REVISTA PARAJÁS: Seguem mais algumas perguntas sobre “Santo Adamastor”: Como era o mundo quando a obra foi escrita? E o que mudou no enredo do livro de lá para cá (nessa última revisão antes de publicá-lo)?

ALEXANDRE GOSSN: Vivíamos os finais dos anos 90 e início do século XXI. Havia enorme descontentamento com o governo FHC e um certo desencanto com as vacas magras que a recém redemocratização vinha trazendo. Após a euforia com o real, caímos “na real”: crise do México, Rússia e Argentina... e, claro, o Brasil não foi poupado. O *boom* da urbanização estava se sedimentando e, neste caldo cultural, víamos uma sólida e meteórica ascensão das igrejas pentecostais e neopentecostais. Vamos recordar que até os anos 70, os protestantes não passavam de 05% da população brasileira, e no final dos anos 90 estavam entre 15 e 20%. Havia um claríssimo interesse desde a assembleia constituinte destes grupos em se organizarem e obterem representatividade política. E assim foi feito: a cada legislatura, notamos aumentar o número de parlamentares evangélicos. Como se trata de religiosidade com visão bastante literal sobre os livros

sagrados, era previsível o que ocorreria: começou ocorrer um movimento que visa caminhar na direção oposta à Constituição Federal, ou seja, a de misturar sim Estado e Religião. Santo Adamastor está embebido neste caldo cultural, e, olhando sob a ótica pessoal, o então jovem Alexandre, com os seus 18 anos, estava absolutamente impactado com o número de programas na TV onde os milagres eram vendidos e anunciados. Pastores meio *coaches*, *coaches* meio pastores, a divina providência seria facilmente alcançada com um pouco de fé e, claro, díizimos. O estelionato religioso é tão descarado (e já era assim), que não concebi outra forma a reagir senão escrevendo. Hoje, se pensarmos na atual demografia brasileira e nas propostas como recentemente assistimos, de se punir uma vítima de estupro pela prática de aborto com penas mais severas que a do estuprador, ou do candidato a prefeito que é *coach*, promete parar de chover, fala que evita acidentes aéreos com a força do pensamento *etc*, fica claro que a epopeia adamastoresca faz mais sentido ainda agora do que quando foi escrita.

REVISTA PARAJÁS: Na sua opinião, há algum paralelo do fictício 'Adamastorismo' (presente na sua obra) com a vida real? Você já percebeu – na época em que escreveu o enredo ou mesmo recentemente – situações sociais e políticas que, em sua mente, remeteram ao que acontece na obra?

ALEXANDRE GOSSN: Sim, sem sombra de dúvida. O livro foi escrito a partir de fatos reais que presenciei, e alguns até que tentei evitar (sem sucesso). Assisti amigos queridos que foram engolfados por algumas dessas verdadeiras seitas de fanatismo. Esse foi o estopim pessoal para sentar-me e escrever.

REVISTA PARAJÁS: Como escritor, é comum que você tenha influência de outros autores que marcaram a literatura nacional e universal. Quais são as suas principais inspirações literárias neste sentido?

ALEXANDRE GOSSN: São muitos. Impossível enumerar todos. Mas vai uma lista de bate e pronto: Machado de Assis, Cervantes, Shakespeare, Voltaire, Victor Hugo, Jack London, Carlos Heitor Cony, Garcia Marquez e Saramago.

REVISTA PARAJÁS: Antes de finalizarmos, responda objetivamente às seguintes perguntas:

a) Qual livro mais o marcou em sua vida?

ALEXANDRE GOSSN: Cândido de VOLTAIRE.

E qual o seu livro de cabeceira?

ALEXANDRE GOSSN: Cândido de VOLTAIRE.

b) Qual personagem de nossa história pátria você considera um verdadeiro herói?

ALEXANDRE GOSSN: Luiz Gama.

c) E da história universal?

ALEXANDRE GOSSN: Alexander Fleming.

d) Se fosse pra escolher outro país (que não o Brasil) para ter nascido / vivido, qual escolheria?

ALEXANDRE GOSSN: Espanha.

e) Se pudesse sintetizar o conhecimento acumulado ao longo de sua experiência de vida em uma frase, o que diria às próximas gerações?

ALEXANDRE GOSSN: Há beleza no esforço, mesmo sem resultado... então lute, mas sem se esquecer de saborear o presente.



REVISTA PARAJÁS: O que você espera deixar para a posteridade em relação ao seu nome?

ALEXANDRE GOSSN: Ainda não sei. Talvez nunca saiba. Creio ser muito estressante tentar controlar o que pensam de nós enquanto vivos... imagine depois de mortos (risos).